

Discurso sindical da CUT: reflexões sobre a constituição do discurso pela memória

Renata Silveira da Silva

Doutorado em Letras – Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

resilv@gmail.com

Resumo. *O presente trabalho, sob o referencial da Análise do Discurso de linha francesa, objetiva refletir sobre o discurso, tal como o compreende Pêcheux (1997): constituído pelas redes de memória e simultaneamente possibilidade de “desestruturação-reestruturação” dessas redes. Para tanto, analisa o discurso sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT) produzido em dois momentos históricos: décadas de 80 e 90. No primeiro período, ocorre a fundação da Central, um acontecimento oriundo de outro, o início do “novo sindicalismo”. A época é marcada por uma prática sindical combativa e pela entrada na cena política de uma massa de trabalhadores, silenciados desde 1964. No segundo período, o Brasil sente com mais veemência as mudanças do mundo do trabalho e a política neoliberal torna-se predominante. A CUT tem sua ação combativa estagnada e passa a preferir a negociação ao confronto. O corpus dessa investigação são seqüências discursivas de referência extraídas de textos publicados pela Central nessas duas fases. Mesmo com as mudanças das condições de produção, observamos no intradiscurso dessas seqüências a repetição de expressões lingüísticas que se inter-relacionam a uma representação do tempo como mutável. Apesar da nova conjuntura econômica e política, um novo futuro, com novas condições de vida e trabalho, continua sendo possível, via ação sindical. Na análise, observamos a rede de memória precedente às materialidades e atentamos para a determinação que a linearidade sofre do interdiscurso. Este é duplamente concebido: como produtor de um efeito de consistência ou de inconsistência (COURTINE, 1999). Na primeira fase, a combativa, a representação da temporalidade no discurso cutista funciona como estabilizadora em virtude da determinação do interdiscurso, produtor de um efeito de consistência. Na segunda fase, a negociadora, a imagem do tempo desestabiliza o discurso cutista. Nesse caso, ocorre uma movimentação de saberes na memória e o interdiscurso produz um efeito de inconsistência. Através desse estudo, demonstramos ser o tipo de relação do discurso com a rede de memória determinante para a manutenção da aparência de homogeneidade ou para a irrupção da equivocidade. Também evidenciamos como as materialidades analisadas não são somente determinadas pela memória, também a determinam, provocando um deslocamento de seus saberes.*

Palavras-chave: discurso sindical; memória; tempo discursivo

Abstract. *This paper uses the French school of Discourse Analysis as its reference and aims at reflecting on discourse as developed by Pêcheux (1997): it is constituted by memory nets and the simultaneous possibility of “destructuring-structuring” these nets. I have analyzed the discourse made by the Central Única dos Trabalhadores (CUT), a labor union in Brazil, in two historical moments: the 80’s and the 90’s. In the 80’s, CUT was founded during the beginning of the “new trade-unionism”; in this period, the labor unions started to get active due to the participation of many workers who had been silenced since 1964. In the 90’s, Brazil felt the strong changes in the world of work under neo-liberal politics. CUT had to stop its combative actions and decided to negotiate rather than confront. The corpus of this investigation is a discursive sequence of references excerpted from texts published by CUT in these two decades. Even with the changes of the production conditions, I have noticed the repetition of linguistic expressions which inter-relate to a representation of mutable time in the intra-discourse of the sequences. Despite the new economic and political situation, a new future with new life and work conditions can be possible through the action of the labor union. In this analysis, I have also observed the memory net that precedes materiality and the determination which linearity undergoes due to the interdiscourse. It is conceived in two ways: as a producer of an effect of consistency or inconsistency (COURTINE, 1999). In the first phase, the combative one, the representation of temporality in the discourse of the labor union acts as a stabilizing one because of the determination of the interdiscourse, the producer of a consistency effect. In the second phase, the negotiating one, the image of time makes the discourse unstable. In this case, there is a movement of knowledge in the memory and the interdiscourse produces inconsistency. This study shows that the type of relation between memory and the memory net is a major determinant of the appearance of homogeneity or the irruption of equivocation. I have also pointed out that the materiality I have analyzed is not only determined by memory, but also determines it, leading to a dislocation of knowledge.*

Keywords: labor union discourse; memory; discursive time

1. Introdução

No presente estudo, a partir do referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, objetivamos refletir sobre o discurso a partir da seguinte definição pecheuxtiana: constituído pelas redes de memória e simultaneamente possibilidade de “desestruturção-reestruturção” dessas redes (PÊCHEUX, 1997, p 56).

Para o desdobramento dessa concepção, analisamos o discurso sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Essa Central, ao longo de seus 25 anos de existência, vivenciou duas fases distintas: a primeira caracteriza-se por uma prática sindical combativa e heróica; a segunda é marcada por uma atuação mais conformada e negociadora (RODRIGUES, 1997).

Neste texto, analisamos seqüências discursivas de referência extraídas de publicações cutistas nos dois períodos históricos mencionados. As construções observadas assemelham-se por indiciarem formações imaginárias sobre o tempo. Além

disso, são propícias à demonstração de como a rede de memória que as precede intervém na sua significação e na aparência homogeneizante ou equívoca do discurso.

A seguir, descrevemos as condições de emergência do discurso cutista e alguns aspectos reveladores de seu funcionamento basilares às análises.

2. Discurso cutista

A Central Única dos Trabalhadores surge como representante do “novo sindicalismo”, ou seja, uma nova fase na ação sindical que surge com várias intenções, dentre elas, extinguir o controle governamental dos sindicatos, existente no Estado Vargas e no regime militar; ter direito à greve; estabelecer o conflito entre empregados e patronato; melhorar os salários e as condições de trabalho.

A CUT atua como porta-voz que enfim explicita as necessidades reprimidas dos trabalhadores. Mesmo já tendo surgido numa conjuntura de mudança subjetiva, precisava interpelá-los para que continuassem se mobilizando na conquista da almejada “sociedade democrática e sem exploração”.

A ruptura com a formação discursiva capitalista e a tentativa de promover novas filiações sócio-históricas caracteriza o discurso cutista como fundador. Esse tipo de discurso, comenta Orlandi (1993), aproveita-se das falhas deixadas pelo ritual da interpelação ideológica para instalar uma nova filiação e desautorizar os sentidos existentes (p. 13).

Quando a CUT trabalha com as fraturas da interpelação da ideologia do capitalismo procura dar visibilidade à contradição que constitui a forma-sujeito desse modo de produção econômica. Lembremos que o “sujeito-de-direito” é submetido às leis e sua distribuição de direitos e deveres, mas pensa ser livre e responsável por si. Tem-se no discurso sindical em pauta uma incessante demonstração da submissão imposta pelo aparelho jurídico e um questionamento da legislação, principalmente a trabalhista. A partir dessa explicitação da contradição do sujeito-de-direito, o sindicalismo de esquerda cutista legitima outra forma-sujeito, incompatível com o atual sistema econômico: o “sujeito-coletivo”, utilizando a terminologia de Henry¹ (1992, p. 138).

Neste trabalho, consideraremos a forma-sujeito sujeito-coletivo como organizadora dos elementos de saber de uma formação discursiva democrática, que se configura em oposição às forças políticas repressoras predominantes no regime militar e à ausência de direitos sociais elementares.

Para que ocorra a desidentificação com o “sujeito-de-direito” e a identificação com o “sujeito-coletivo”, o ritual de interpelação inclui em suas estratégias a promessa de uma nova história, de um novo tempo, com a condição de que se constitua uma identidade coletiva.

¹ O autor ressalva que a forma-sujeito “sujeito-coletivo” não é apenas representada em formações sociais, tais como “célula, seção sindical, partidos, massas”, aparece também no interior da ideologia burguesa; entretanto “é a forma específica da categoria de sujeito constitutiva das formações ideológicas políticas da classe operária” (HENRY, 1992, p. 151).

Subjetividade e temporalidade revelam seu entrecruzamento no funcionamento do discurso cutista. A identificação com a forma-sujeito “sujeito-de-direito” implica filiação à representação do tempo existente na formação social capitalista. Podemos esboçar que nesse sistema econômico, os acontecimentos passados, presentes e futuros são concebidos como pertencentes a um processo contínuo e ininterrupto de reprodução social. Já a identificação com a forma-sujeito “sujeito-coletivo”, aqui concebida como organizadora dos elementos de saber de uma formação discursiva democrática, implica filiação com outra representação da temporalidade. Nesse caso, a história é mutável e a reprodução social passível de paralisação. Para tanto, a condição é que exista uma entidade que politize a coletividade, promova a identificação ideológica entre seus componentes, fadados à dispersão e à diferença.

A CUT, oriunda do agrupamento dos trabalhadores, torna-se a organizadora dessa coletividade. Assume a posição discursiva de porta-voz, que, na acepção pecheuxtiana, é o sujeito simultaneamente ator e testemunha do acontecimento. Por ser ator, participa das ações do grupo representado, mas se diferencia deste por ser o mediador das negociações com o adversário. Logo, é alvo privilegiado do olhar alheio. Por ser testemunha, tem visibilidade do acontecimento assim como o grupo; contudo, diferencia-se deste por visualizar melhor a participação de todos. Há, então, uma contradição constitutiva da figura do porta-voz: ora “igual” aos representados, ora “diferente” (PÊCHEUX, 1990; ZOPPI-FONTANA, 1997).

A seguir, analisamos duas seqüências discursivas de referência, a partir das quais entrelaçamos essas observações com a noção de discurso como constituído e determinado pelo já-dito.

3. Análise discursiva

Analisaremos a construção “*Não dá mais!*”, extraída do título *Manifesto aos trabalhadores: “Não dá mais!”*. Esse documento foi publicado em 1985, no Boletim Nacional de 1º de maio. No texto, são lembradas as greves que estão ocorrendo em diferentes cidades brasileiras e motivado o engajamento nas lutas.

Passemos à análise do título do manifesto:

SDR 1: Manifesto aos trabalhadores: “*Não dá mais!*”

Paráfrases do enunciado “*Não dá mais!*” certamente já foram ditas no meio sindical em outros momentos de resistência. Mas, quando surge apegado ao acontecimento de 78 - o surgimento do “novo sindicalismo” e ao acontecimento seguinte - a fundação da entidade nacional representativa dos trabalhadores, sua significação é atualizada, revigorada pela situação de enunciação. Sendo assim, “*Não dá-mais!*” pode ser compreendido como um pré-construído de que o discurso cutista se apropria e coloca sob sua total responsabilidade.

A estrutura da frase, composta pelo operador de negação topicalizado modificando o verbo “dar” no presente do indicativo e a exclamação, imprime um aspecto cessativo. O uso dessa aspectualidade materializa um princípio do discurso fundador: o término do existente, a ruptura. Além de a frase estar sendo enunciada nesse

tipo de discurso, é apropriada por um sujeito “porta-voz”, logo, por um observador privilegiado da história. Tais evidências permitem-nos afirmar que “*Não dá mais!*” está sendo transformada no discurso sindical da CUT em “formulação-origem do domínio da memória” (COURTINE, 1999, p. 19). A formulação em pauta adquire esse status em detrimento não só das propriedades discursivas mencionadas, mas também em virtude das condições de produção: em 1985, a emergência do “novo sindicalismo” e também de “novas subjetividades” ainda subsidiava as mobilizações; a CUT, fundada há apenas dois anos, organizava uma série de lutas em massa, às quais a adesão crescia progressivamente.

Courtine (1999) criou o conceito de “rituais discursivos de continuidade” para denominar a sucessão entre passado, presente e futuro, produzindo uma “anulação imaginária do processo histórico, com sua duração e suas contradições próprias”. Surgem então “efeitos de memória”, que dão a impressão de que a história é imóvel e eterna (p. 20-1).

Parece-nos viável mobilizar o conceito contrário, o de “rituais discursivos de descontinuidade”, que promoveriam a ruptura do passado e do presente com o futuro. Nesse caso, temos uma “anulação imaginária” da longa repercussão temporal de determinados acontecimentos históricos. E há recursos na linearidade que criam a fundação de uma nova história, desta vez, mutável.

A frase em análise, através dos recursos lingüísticos supracitados (negação modificando verbo no presente do indicativo, ponto de exclamação, aspecto cessativo), insere-se nos “rituais discursivos de descontinuidade”, que dão existência material à representação da temporalidade da formação discursiva democrática.

A construção em análise vem unir-se a outras e juntas fundam uma nova rede de memória, cujos alguns saberes são: existência de uma “organização sindical de massas”, “de caráter classista”, objetivo de “defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora”, “melhores condições de vida e trabalho”, “engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira”, greves como principal instrumento de luta².

Feitas essas considerações, passemos à análise da SDR 2, na qual destacaremos aspectos que nos permitirão complementar as reflexões até então apresentadas.

Na década de 90, já havia começado a reestruturação da CUT, que, após o III CONCUR (1988), passou de uma fase “mais movimentista, libertária, socialista e conflitiva, enfim, heróica” para uma fase mais “organizativa”, “burocrática” e “administrativa” (RODRIGUES, 1997, p. 117-8). A Central tornou-se mais institucionalizada e distanciada da base. Além disso, a conjuntura política havia sido caracterizada pela vitória de Fernando Collor como presidente da República nas eleições de 1989, o que simbolizava o ganho de um projeto neoliberal, que seria mantido por Fernando Henrique Cardoso. Somam-se a esses aspectos o fato de o Brasil sentir com mais veemência as conseqüências da crise do mundo do trabalho, marcado pela reestruturação produtiva e acumulação flexível, as quais já haviam afetado países de capitalismo maduro desde a década de 70 (RODRIGUES; RAMALHO, 1998).

² Informações observadas nas publicações da Central e disponibilizadas no site www.cut.org.br, no link “Quem somos”.

As dificuldades para o sindicalismo são assumidas pela Central. Entretanto, mantém no fio do discurso a utilização de marcas temporais que remetem aos “rituais discursivos de descontinuidade” e indiciam a imagem do tempo como ruptura na sucessão presente-passado-futuro. Observemos a seqüência discursiva selecionada:

SDR 2: É hora de dar um basta a essa situação inaceitável.

Antes de discorrermos sobre essas marcas, convém explicitar que essa SDR foi extraída do *Manifesto por trabalho, terra e cidadania*, publicado em 1998 no *Informe CUT*. Esse documento sintetizava a proposta do *Encontro Popular contra o Neoliberalismo*, ocorrido em dezembro de 1997.

Esse encontro representou a continuidade de mobilizações que vinham sendo realizadas pela articulação entre diferentes entidades (movimentos e partidos) que se opunham ao neoliberalismo e na época seu principal protagonista: Fernando Henrique Cardoso. A CUT foi uma articuladora desses setores e coordenadora das atividades realizadas. Dessa forma, deu prosseguimento ao Plano de Ação *Reage, Brasil*, publicado nas resoluções da 8ª Plenária Nacional (1996).

A SDR 2 foi enunciada pela CUT em diálogo com outros porta-vozes³ e destinada a um grande grupo de excluídos, conforme exposto no manifesto⁴. O uso de *É hora de dar um basta a essa situação inaceitável* pode ser considerado como um procedimento enunciativo-discursivo de regulação da identificação das posições-sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva democrática. Essa frase, por estar sendo enunciada em um discurso defensor do aumento da coletividade como estratégia inovadora para a emergência da nova história, funciona tentando garantir a “plena identificação dos trabalhadores”. Além disso, interpela mais grupos a imaginarem o tempo de modo condizente com o que propaga a FD democrática.

Levando em consideração que a fase heróica da CUT já havia terminado, essa frase pode ser compreendida como uma tentativa de reavivar a combatividade típica dessa época. Pode também ser percebida como modo de conferir unidade ao discurso e prática da Central, que, mesmo perante novas condições de produção, ainda representa o embate e a união como estratégias de ação principais.

³ Alguns desses porta-vozes são: Confederação Nacional das Associações de Moradores – CONAM; Confederação Brasileira dos Aposentados – COBAP; União da Juventude Socialista- UJS; União Brasileira de Mulheres – UBM; Partido dos Trabalhadores - PT, Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Partido Socialista dos Trabalhadores – Unificado - PSTU, Partido Democrático Trabalhista - PDT; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – Ibase; Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST. Informações extraídas do *Informe CUT*, n. 266, 1997.

⁴ No texto há menção aos seguintes grupos: “sem-emprego”, “sem-carteira assinada”, “sem-aumento de salário”, “sem-segurança”, “usuários do serviço público que o governo sucateia”, “sem-casa”, “sem-aposentadoria”, “sem-terra”, “juventude ameaçada pela perspectiva da barbárie neoliberal”, “estudantes”, “mulheres violentadas pela discriminação de gênero”, “não-brancos oprimidos pelo racismo”, “intelectuais que não se vendem”, “pequenos empresários e agricultores sufocados pela política atual”.

Na SDR 2, a topicalização do advérbio de tempo significando a emergência de um novo momento, a utilização do substantivo “basta” e a negação expressa através do prefixo –in funcionam conferindo um término à situação em questão: a prática política de Fernando Henrique Cardoso, norteadada pelo neoliberalismo. O aspecto cessativo, conforme havíamos comentado, materializa um princípio do discurso fundador: a ruptura.

A partir dessas características, podemos considerar a SDR 2 como uma reformulação da formulação-origem “*Não dá mais!*”. Essa retomada no nível do intradiscurso significa a repetição de um saber da memória sindical cutista: a possibilidade de irrupção de uma nova história, com melhores condições de vida e trabalho. A repetição desse saber funciona, aparentemente, propalando a manutenção da representação da temporalidade existente na formação discursiva democrática.

Como afirma Courtine (1999), memória e esquecimento encontram-se no espaço político. Se a reformulação atualiza a promessa cutista de desautorização dos sentidos existentes e instauração do novo, demonstra o esquecimento de que a frase em análise, sob outra forma, já fora enunciada e, entretanto, apesar das conquistas trabalhistas, o lugar social do trabalhador continua sendo no domínio dos excluídos, dada a elaboração do Plano de Ação *Reage, Brasil*, que culminou no *Encontro popular contra o Neoliberalismo*.

Segundo Courtine (1999), há dois modos de determinação do interdiscurso: ou este funciona como “preenchimento, produtor de um efeito de consistência no interior do formulável” ou como “oco, vazio, deslocamento, cuja intervenção ocasiona um efeito de inconsistência (ruptura, descontinuidade, divisão) na cadeia do reformulável” (p. 22).

A SDR “*Não está mais!*”, ao receber o “status” de formulação-origem na ordem de um discurso fundador, parece ser determinada por um interdiscurso preenchedor, que lhe confere consistência, pois a frase mencionada, em virtude das suas condições de produção, estaria efetivamente rompendo o instituído, ruptura apenas prometida em enunciações sindicais anteriores. Já *É hora de dar um basta a essa situação inaceitável* é produzida em outras condições de produção, cujas características, conforme explicitado, são a crise no mundo do trabalho, o advento do neoliberalismo e a mudança na estratégia de ação cutista. A SDR 2 tem como exterioridade um interdiscurso do tipo oco, vazio, pois as enunciações já-ditas que se inseriram nos “rituais discursivos de descontinuidade”, dentre elas, “*Não dá mais!*”, não instauraram o novo e constituíram-se em já-ditos que ainda significam promessas. O interdiscurso confere então inconsistência à reformulação.

Embora nos dois enunciados analisados tenhamos, no intradiscurso, marcas identificadoras de “rituais discursivos de descontinuidade”, no interdiscurso, a relação da exterioridade com a linearidade é distinta.

A inconsistência conferida à SDR 2 pelo interdiscurso e as condições de produção do discurso na década de 90 induzem-nos a compreender *É hora de dar um basta a essa situação inaceitável* como também pertencente aos “efeitos discursivos de continuidade”. Ou seja, através do deslocamento instaurado pelo interdiscurso, o

enunciado em questão torna-se “dividido”⁵: quando observamos o fio do discurso, propala a emergência de um novo tempo, faz parecer que a história é mutável (rituais discursivos de descontinuidade); quando atentamos para a sua relação com o campo do já-dito, com a rede de memória instaurada pela CUT, propaga a sucessão passado-presente-futuro; a história dos trabalhadores, repleta de acontecimentos excludentes, ainda não foi modificada, parece eterna (rituais discursivos de continuidade).

Se, no intradiscurso, a representação da temporalidade na formação discursiva democrática tem uma aparência de fechamento, de consistência, no âmbito do interdiscurso, essa mesma representação parece inconsistente e inclusive contraditória, assemelhando-se com a imagem do tempo da formação discursiva oponente, a capitalista.

O fato de a SDR 2 ter o funcionamento expresso faz-nos pensar que o discurso cutista, de fundador, passou a ser “fundacional”. Esse tipo de discurso, segundo formulações de Celada e Zoppi-Fontana (1993⁶ *apud* ZOPPI-FONTANA, 1997), “se auto-representa como fundador, embora não o seja” (p. 72).

4. Conclusão

As observações feitas demonstram que a rede de memória instaurada pela CUT, por um lado, funciona dando consistência às suas palavras. A defesa de uma sociedade igualitária, de uma organização sindical classista, a permanente vigília dos direitos trabalhistas, a necessidade de emergir um novo tempo são alguns dos saberes propagados desde a fundação da Central e que integram a memória discursiva da CUT. Tais saberes legitimam, dão sentido ao enunciado *É hora de darmos um basta a essa situação inaceitável*. Por outro lado, temos de considerar que a memória não é um “reservatório” e sim “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). É porque os saberes da memória discursiva da CUT movimentaram-se, tornaram-se polêmicos devido à emergência de novas condições de produção, que passam a deslegitimar a construção da SDR 2.

Os saberes da memória estão sempre se deslocando e, com isso, desestabilizando os discursos, os quais se sustentam através da retomada dos já-ditos. A SDR 2 ilustra o exposto. Quando “*Não dá mais!*” passou de uma construção que rompia com os já-ditos para transformar-se em um enunciado que reproduzia esses já-ditos ofereceu inconsistência à construção (SDR 2) que retomou essa formulação-origem. A mobilidade desse já-dito desconstruiu a aparência de homogeneidade da SDR 2 e a temporalidade, usada para criar essa aparência, funcionou desestabilizando o dizer.

Essas considerações trazem implicações à constituição da Central como porta-voz. As lacunas na imagem do tempo põem à deriva a sua condição de “testemunha privilegiada da história”. Contudo, o fato de a CUT unir-se a outros porta-vozes restitui sua visibilidade e ainda a amplia, pois a Central, através dessa aliança, não somente

⁵ Enunciado dividido, segundo Courtine (1982), é o enunciado no qual podemos identificar duas posições-sujeito antagônicas, reveladoras de duas formações discursivas distintas. Cf. Bibliografia.

⁶ CELADA, M.T. A fundação de um destino para a pátria Argentina. ORLANDI, E. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993. ZOPPI-FONTANA, M. Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: ORLANDI, E. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes, 1993.

projeta os trabalhadores como transformadores sociais, mas também assim qualifica os demais excluídos.

É a adesão de mais filiados ao sujeito-coletivo da formação discursiva democrática que possibilitará o surgimento do novo tempo. Um novo saber que vem movimentar a memória discursiva da CUT, aliar-se ao ideal de uma identidade coletiva como condição para a revolução.

Segundo Mariani (2003),

a falha, enquanto lugar de resistência, pode engendrar rupturas e conseqüente transformação no ritual, ou pode vir a ser absorvida pelo discurso hegemônico, contribuindo para a permanência dos sentidos legitimados historicamente (p. 8).

Através da amplitude de destinatários da SDR 2, o sujeito cutista inseriu um novo elemento de saber na memória discursiva. Guiado pelo desejo de completude, absorveu a falha e demonstrou que a adesão em massa ao “sujeito-coletivo” é a estratégia, a “resposta-chave” para fundar o novo tempo. A falha da SDR 2, observada através da relação linearidade – exterioridade, foi encoberta pelo discurso cutista e a temporalidade novamente transformada em homogeneizante. Reflexões que exemplificam as afirmações pecheuxianas: o discurso é um efeito das redes de memória e simultaneamente uma possibilidade de “desestruturação-reestruturação” dessas mesmas redes (PÊCHEUX, 1997, p. 56).

5. Referências bibliográficas

COURTINE, J. O chapéu de Clémentins. In: INDURSKY, F; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

_____. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, v.9, n.2, p. 239-263, oct., 1982.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

Informa CUT, n. 266, 1997.

MARIANI, B. *Para que(m) serve a psicanálise na imprensa?* In: Congresso da ABRALIN. Recife: 2003.

ORLANDI, E. Não surgindo sentidos. In: _____ (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos (1982). Trad. José Horta Nunes. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas (19): 7-24, jul./dez, 1990.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RESOLUÇÕES DA 8ª PLENÁRIA NACIONAL DA CUT. São Paulo: CUT, 1996.

RESOLUÇÕES DO I CONCURTO. São Paulo: CUT, 1984.

RODRIGUES, I. J. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT*. São Paulo: Scritta, 1997.

_____. Sindicalismo e desenvolvimento regional: a experiência dos metalúrgicos do ABC. Trabalho apresentado no *XXVIII Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu (MG), 2004.

RODRIGUES, I.J; RAMALHO, J. R. Sindicalismo na Inglaterra e no Brasil: estratégias diante das novas formas de Gestão da produção. In: *Revista São Paulo Em Perspectiva*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 142-153, 1998.

ZOPPI-FONTANA, M. *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.